

O CURSO DE FORMAÇÃO POLÍTICA DE MULHERES NO SINSEMBA, CEARÁ

RESUMO

Este artigo analisa uma experiência de educação popular efetivada por um pequeno sindicato em um município de Barreira, localizado no interior do estado do Ceará, voltada para a formação política de mulheres, em parceria com uma ação extensionista da UNILAB. Inicialmente, indica-se a gênese, a evolução e as características importantes do sindicato, apresentando o contexto e as ações que permitiram conceber e executar essa proposta educacional. Em seguida, apresenta-se a proposta, descrevendo as ações desenvolvidas e a metodologia aplicada, relacionando-a às referências da educação popular, nos marcos de Paulo Freire. A análise trabalha com dados gerados através de observação direta das situações de interação face a face, documentos, imagens, entrevistas realizadas e questionários aplicados. Avalia-se que a experiência foi inovadora, nos marcos da intervenção da UNILAB no Maciço de Baturité, e que o sindicato assume o caráter de um movimento social que agrega práticas tradicionais e inovadoras no campo do sindicalismo no Brasil.

Palavras-chave: Educação Popular. Sindicato. Extensão. Mulheres.

THE POLITICAL TRAINING COURSE FOR WOMEN AT SINSEMBA, CEARÁ

ABSTRACT

This article analyzes an experience of popular education carried out by a small union in a municipality of Barreira, located in the interior of the state of Ceará, focused on the political formation of women, in partnership with an extension action by UNILAB. Initially, the genesis, evolution and important characteristics of the Union are indicated, presenting the context and actions that allowed to conceive and execute the educational proposal. Then, the proposal is presented, describing the actions developed and the applied methodology, relating it to the references of popular education, within the framework of Paulo Freire. The analysis works with data generated through direct observation of situations of face-to-face interaction, documents, images, interviews and applied questionnaires. It is evaluated that the experience was innovative, within the framework of UNILAB intervention in the Baturité Massif, and that the Union takes on the character of a social movement that combines traditional and innovative practices in the field of unionism in Brazil.

Keywords: Education. Syndicate. Extension. Women.

INTRODUÇÃO

Este artigo analisa uma experiência de educação popular realizada no município de Barreira, Ceará, em 2017, através de parceria entre o Sindicato dos Servidores Públicos Municipais de Barreira e Acarape (SINSEMBA), o Instituto Bárbara de Alencar e um grupo de extensão e pesquisa da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB). O curso foi intitulado “Fortalecimento político das mulheres para garantir e ampliar os direitos, promover a igualdade no mundo do trabalho e autonomia econômica”, buscando aprofundar

temas relacionados à vida das mulheres, fortalecendo suas lutas, proporcionando ações para o empoderamento feminino e organizando sua participação nos espaços em que vivem e atuam.

O Município de Barreira, estruturando-se nos distritos de Barreira (Centro), Córrego, Lagoa Grande, Areré, Cajueiro e Lagoa do Barro (IPECE, 2017), possui população estimada em 22 mil pessoas (IBGE, 2020), em 2020, e mais de 5.500 domicílios, sendo 57% rurais (IPECE, 2017).

O sindicato foi fundado em 17 de julho de 1993, em uma assembleia que ocorreu no Clube Recreativo Cultural de Barreira, iniciando-se às 9 horas da manhã, e contando com a presença de mais de 80 trabalhadores. A assembleia efetuou a leitura e a aprovação do Estatuto do Sindicato e a eleição da primeira diretoria, cabendo destacar que já nessa diretoria os cargos de presidenta, vice-presidenta, primeira e segunda secretária e primeira e segunda tesoureira foram ocupados por mulheres.

Muitos foram os desafios enfrentados pelo sindicato, e toda sua história foi marcada por grandes lutas e conquistas, sempre considerando prioridade a formação intelectual dos filiados. Atualmente, sua sede se localiza na Rua Maria do Carmo de Oliveira, n. 755, Centro, Barreira/CE, mantendo-se a predominância feminina, inclusive na diretoria e na presidência. Com aproximadamente quinhentos filiados, o sindicato mobiliza, agrega e articula conjuntos bastante variados de trabalhadores e trabalhadoras, inclusos professoras, zeladoras, auxiliares de serviço geral, agentes administrativas, vigias, agentes de saúde, auxiliares de enfermagem, garis, merendeiras, guardas municipais, dentistas, cirurgiões dentistas, motoristas, dentre outras.

Barreira é um município brasileiro do estado do Ceará, localizado na macrorregião do Norte Cearense, distante de Fortaleza com especificamente 72 km, limitando-se, ao Norte, com a cidade de Acarape; no Leste, com Chorozinho; no Sul, com Aracoiaba e Ocara; e, no Oeste, com Redenção. Foi fundada no dia 15 de abril de 1987, com a população estimada pelo IBGE, em 2020, de 19.574 habitantes, sendo denominados como “gentílicos” pelo próprio IBGE, mas popularmente chamados de “barreirenses” (IBGE, 2020). O primeiro nome da cidade (Barreira Vermelha) faz alusão ao solo, um barro de cor avermelhada existente em todo o seu território. Tem como economia a pecuária, a extração do caju e seu beneficiamento, como, por exemplo, a produção de suco, carne de caju, amêndoas, etc. Produz, também, algodão, banana, milho, feijão e mandioca; além dos empregos oferecidos pela prefeitura, comércio e as minifábricas. Na cultura do município, os principais eventos são: festa do padroeiro de São Pedro (28 de junho), Festa do Chapéu (em julho) e o Fest Rock.

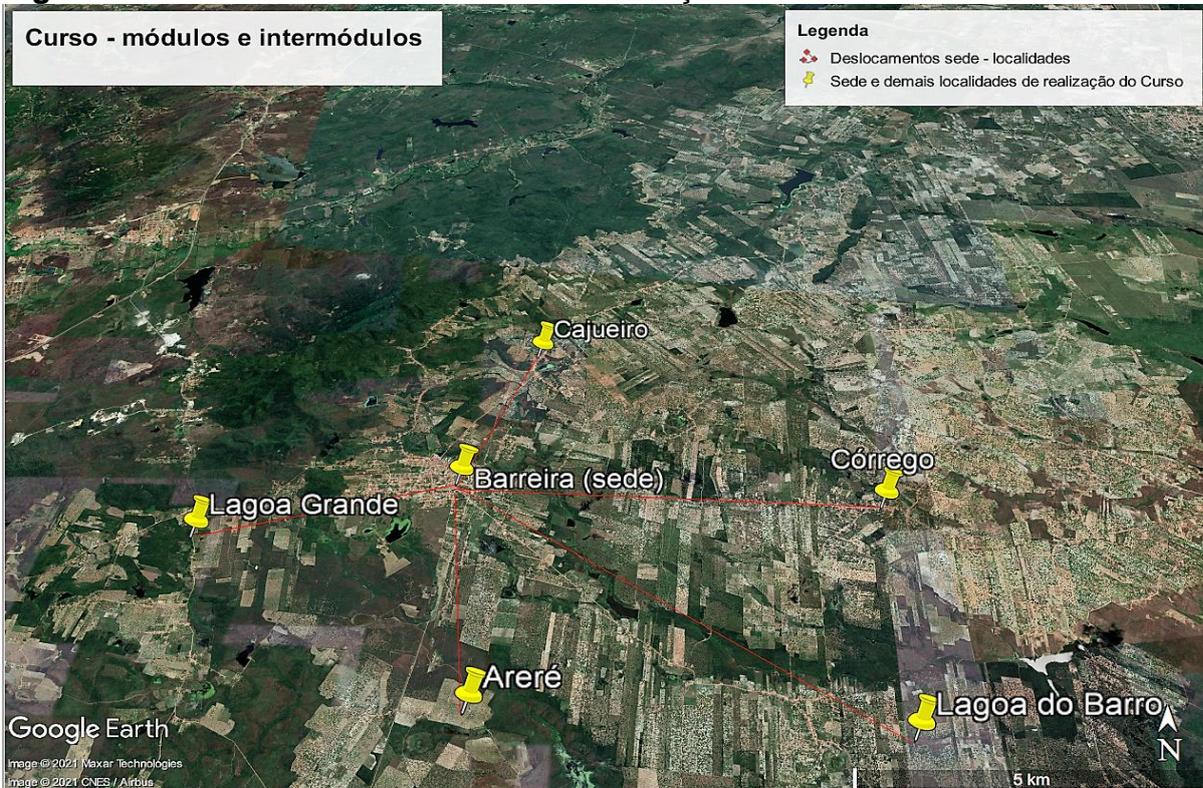
Figura 1. Cidade de Barreira/CE

Cidade - Barreira



Fonte: Castro e Machado (2021, s./p.).

Figura 2. Sede e demais localidades de realização do curso



Fonte: Castro e Machado (2021, s./p.).

Nesse contexto, emergem desigualdades de gênero, opressões e violências em múltiplas dimensões e escalas, afetando as mulheres no cotidiano vivenciado em

espaços públicos e privados, inclusos seus domicílios, bem como considerando mercados, relações e espaços de trabalho, assim como instâncias políticas. Para ilustrar, considerando Barreira e os dois municípios vizinhos e mais próximos, as Câmaras Municipais registram a presença somente de uma vereadora, em Redenção. Assim, nos últimos anos, situações social e historicamente naturalizadas são agora compreendidas como inaceitáveis, compondo as agendas e pautas do sindicato. Dessa forma, o SINSEMBA faz a defesa dos direitos trabalhistas do funcionalismo público municipal em dois pequenos municípios – Barreira e Acarape – na Região do Maciço de Baturité, no Ceará, e historicamente fortalece a luta das mulheres. Mais do que isso, nos últimos anos, as questões e as pautas das mulheres e de gêneros vêm sendo incorporadas com mais força ao cotidiano e à atuação sindical.

Nesse âmbito, foi decidido em assembleia geral a realização de um curso de formação para mulheres, como uma forma, também, de comemorar os 25 anos de existência da entidade que se aproximavam. O curso inspirou-se em uma experiência formativa nacional, efetuada pela Central Única dos Trabalhadores (CUT), com o centro de estudos sindicais e de economia do trabalho, vinculado ao Instituto de Economia da UNICAMP, em parceria com o Movimento Sindical, voltado para as mulheres atuantes em direção no sindicalismo brasileiro, tendo a participação de mulheres dos 27 estados, onde a CUT tem representação pelas secretarias de mulheres de cada ramo existente na central.

Do estado do Ceará, foram seis mulheres, que totalizou, nacionalmente, quarenta mulheres participantes em um período de um ano e meio. A cada dois meses, elas viajavam para São Paulo, ficando estaladas em uma colônia de férias dos Químicos, na região de Campinas, permanecendo lá por uma semana estudando, debatendo durante o dia e a noite sempre tinha um filme norteador que era debatido no dia seguinte, além das atividades para serem realizadas no intervalo dos dois meses entre um módulo e outro.

Quando o curso foi concluído, criaram um projeto pela CUT Ceará que ganhou do Instituto Avon uma quantia de R\$ 30.000,00 para realizar dez oficinas com mulheres de vários ramos e níveis no Ceará. Como foram fechadas diversas parcerias, conseguiu-se realizar um total de dezessete oficinas com inúmeros temas como: feminismo, aborto, patriarcado empoderamento das mulheres, entre outros. Outrossim, em nível municipal, para celebrar os vinte e cinco anos do sindicato de Barreira, foi decidido em assembleia geral presentear as mulheres do SINSEMBA com esse curso nos moldes dos realizados nacional e estadualmente. Cabe registrar que o município de Barreira, até o momento, é o único do Brasil a replicar um curso nesse modelo. Inclusive, a coordenadora do curso nacional veio em Barreira para ministrar uma aula com as participantes do curso, fechando uma parceria com a UNILAB, vindo a abrilhantar esse momento tão especial para o sindicato e para as mulheres participantes. Para conceber/formular o curso, foram realizadas várias reuniões, envolvendo representações do sindicato e da UNILAB, consolidando o escopo, o formato, os conteúdos a serem abordados, as convidadas, os cronogramas e a metodologia usada.

Embora tivesse como público-alvo as mulheres filiadas ao SINSEMBA, o curso também atingiu outras mulheres, convidadas a participar dos intermódulos, ampliando, assim, seu alcance para um número maior de mulheres, inclusive uma parcela atingida por violências e violações de direitos de várias ordens. Participaram do curso trabalhadoras de diferentes áreas e categorias profissionais, lideranças sindicais e participantes de variadas entidades populares e movimentos sociais, que residem e trabalham nos vários distritos e localidades de Barreira. Foram formadas

quarenta mulheres, tendo sido selecionadas, preferencialmente, as que simpatizavam com o debate, demonstrando sensibilidade para desenvolver nas comunidades onde moram um trabalho de conscientização e prevenção das múltiplas formas de opressão. Dessa maneira, o curso buscou desnaturalizar e problematizar desigualdades, opressões, violências e violações de direitos que afetam as mulheres no município, promovendo uma educação popular que tem a força para empoderá-las na busca por uma melhor organização e participação nos espaços onde estão inseridas.

Cabe indicar que a autora principal deste estudo é originária e residente em Barreira, trabalhadora local na área de saúde e dirigente do SINSEMBA, tendo participado ativamente da concepção, formulação e execução do curso. Nesse sentido, este artigo fundamenta-se na observação direta, com vivência das situações indicadas, assim como na revisão de literatura e na análise de documentos gerados.

METODOLOGIA

O curso foi construído coletivamente, criando-se uma agenda com dez ações que pudessem orientar o processo educativo, mobilizar agentes sociais, definir demandas com propostas concretas de mobilização de órgãos e agentes públicos. Utilizando um projeto piloto desenvolvido pela Universidade de Campinas (UNICAMP), com diretoras da Central Única dos(as) Trabalhadores(as) (CUT) nacional que serviu de base para um curso estadual. Diretoras do SINSEMBA auxiliaram nesse curso estadual, no município, com as mulheres participantes realizando leituras de textos referentes ao tema do dia, participando de rodas de conversas, fazendo dinâmicas e até compartilhando suas experiências de vida.

As ações realizadas foram construídas coletivamente por uma equipe envolvendo professores da UNILAB, a presidenta do SINSEMBA, juntamente com a Secretaria de Mulheres da CUT nacional e outros membros da UNILAB, como alunas(os) do curso de Sociologia e diretoras do sindicato. Foram realizadas reuniões preliminares, com participação dos parceiros envolvidos, para conceber, formular e consolidar a proposta, considerando recursos e a logística necessária, a estrutura e o cronograma do curso, bem como convidadas, concepção e dinâmica teórico-metodológica. Essa preparação durou aproximadamente seis meses, servindo como base para desempenhar esse processo formador.

Quatro objetivos nortearam o curso: revelar e discutir desigualdades sociais de gênero; fortalecer a participação de mulheres em espaços decisórios e de poder; gerar medidas que buscassem o enfrentamento de violências contra as mulheres; fomentar e subsidiar discussões que objetivassem promover o empoderamento de mulheres.

A metodologia do curso dialogou com a educação popular, com referencial em Paulo Freire, trabalhando com temas, palavras e questões geradoras, buscando a construção coletiva de conceitos, a constituição de situações e espaços onde cada mulher participante pudesse socializar suas experiências, refletindo em espaços dialógicos sobre as situações, dificuldades e problemas vivenciados em seu cotidiano. Dessa forma, além da apropriação teórica-empírica de conceitos importantes, houve o diálogo entre diferentes experiências, saberes e práticas, buscando constituir dinâmicas de mobilização social e enfrentamento coletivo das situações compartilhadas. Portanto, quanto à apropriação teórica de conhecimentos codificados, cabe apontar para a constituição de processos ricos de troca de saberes, conhecimentos tácitos que as cursistas explicitaram em suas palavras e nos seus depoimentos.

Ferrão (2002, p. 20-22) diferencia conhecimento codificado e tácito, relatando a interdependência entre esses conhecimentos a saber:

[...] [o conhecimento] dito codificado, corresponde aos saberes de base científica e tecnológica [...]. A intencionalidade da sua produção, a sua natureza tendencialmente generalizável e o seu potencial de comercialização permitem distingui-lo do conhecimento tácito, de carácter espontâneo, mais específico e localmente mais enraizado.

[...] Uma organização é, potencialmente, tanto mais inovadora quanto maior for a sua capacidade de recombinar, em função dos seus objetivos específicos, conhecimentos provenientes destas diversas fontes.

Transcendendo uma educação bancária, efetivou-se uma educação pautada no aprendizado mútuo, onde a comunidade acadêmica sai da situação de detentores do conhecimento (forma como são enxergados por parte significativa das participantes) para aprendizes, praticando, assim, o que se pode conceituar como uma educação libertadora; particularmente, com a vivência de posturas autorreflexivas e críticas em situações e espaços coletivos marcados pelo carácter dialógico. A educação popular se pauta no aprendizado de múltiplas partes e não em uma forma de aprendizado hierarquizado e unilateral, em que apenas uma das partes é detentora de todo o conhecimento e tenta repassar para a outra, no nosso caso, as cursistas, desconsiderando os saberes que estas possuem. Conforme Freire (2011, p. 78):

Em verdade, não seria possível à educação problematizadora, que rompe com os esquemas verticais característicos da educação bancária, realizar-se como prática da liberdade, sem superar a contradição entre o educador e os educandos. Como também não lhe seria possível fazê-lo fora do diálogo [...]. Dessa maneira, o educador já não é o que apenas educa, mas o que, enquanto educa, é educado, em diálogo com o educando que, ao ser educado, também educa. Ambos, assim, se tornam sujeitos do processo em que crescem juntos e em que os “argumentos de autoridade” já não valem. [...] Em lugar de serem recipientes dóceis dos depósitos, são agora investigadores críticos, em diálogo com o educador, investigador crítico também.

O curso foi realizado entre os meses de julho e novembro de 2017. Sua equipe formadora foi composta por discentes da UNILAB que assumiram a condução dos processos pedagógicos, abrindo espaço para o protagonismo discente e para a construção de processos que interligassem extensão, pesquisa e ensino; professores(as) da UNILAB; e formadores(as) convidados. Segundo o professor Eduardo Machado do curso de Sociologia e coordenador da equipe extensionista Diálogo Urbanos,

*a formação foi uma aposta na concepção pedagógica baseada na Educação Popular de Paulo Freire, em que todos os agentes envolvidos têm conhecimentos significativos e que precisam ser trazidos para os processos de ensino e aprendizagem. Com isso, espera-se que as cursistas possam ressignificar as vivências enfrentadas no cotidiano.*¹

¹ Depoimento em vídeo produzido pelo Sindicato. Disponível em: https://www.facebook.com/watch/?ref=search&v=1487465894635881&external_log_id=79d727b2-49a3-42eb-a228-6529924a59e6&q=unilab%20v%C3%ADdeo%20forma%C3%A7%C3%A3o%20pol%C3%ADtica%20mulheres%20barreir%C3%A3o%20sinsema. Acesso em: 20 abr. 2021.

O curso foi estruturado em módulos e intermódulos, com a seguinte ocorrência mensal: módulos na sede municipal e intermódulos na Sede, Córrego, Cajueiro, Areré, Lagoa Grande e Lagoa do Barro, contemplando as localidades e comunidades adjacentes.

Os módulos ocorreram aos sábados, geralmente na sede do sindicato, com a manhã sendo destinada às palestras e mesas-redondas, com convidadas abordando variados temas. À tarde, realizava-se trabalhos em grupos e rodas de conversa, em diálogo com as questões trabalhadas pela manhã; assim, a partir de questões geradoras que estimulavam a partilha de experiências vivenciadas, havia a construção coletiva e dialógica de conhecimentos e de interpretações comuns e a geração de proposições destinadas à realização dos intermódulos.

Os módulos, por sua vez, foram divididos em dois momentos: o primeiro deles envolvia palestras ou mesas-redondas, para apropriação de conceituais teóricos e referências empíricas relacionados ao tema do módulo; já o segundo momento era realizado em formato de oficinas, na quais, didaticamente, se fixavam as teorias de maneira a proporcionar uma interação entre as mulheres que se dividiam em grupos menores e eram acompanhadas pela equipe formadora, a qual dava o suporte necessário para realização das atividades. Os módulos foram realizados nos dias 1 de julho, 5 de agosto, 16 de setembro, 21 de outubro e 25 de novembro, tendo como convidadas: Janaina Campos Lobo do Curso de Sociologia (UNILAB); Maria das Graças Costa (CUT Nacional); Marilane Oliveira Teixeira – professora, pesquisadora e assessora sindical; Maria Ozaneide (Secretaria de Mulheres da CUT-CE); Renna Gomes – delegada de mulheres; Violeta Maria de Siqueira Holanda, do curso de Antropologia da UNILAB; Valéria Mendonça, coordenadora do Outubro Rosa no Ceará.

Os intermódulos assumiram o caráter de rodas de conversa e de oficinas, com as participantes do curso mobilizando outras mulheres de cada distrito (vide Figura 2), considerando variadas comunidades e localidades, partilhando o que haviam aprendido e discutido nos módulos e buscando gerar diálogos, considerando as questões geradoras de cada um deles.

A dinâmica geral dos módulos e intermódulos buscava constituir espaços e situações voltadas para o acolhimento, a escuta e a partilha, gerando confiança e sensibilização das mulheres, fomentando sua participação. De tal modo que cada mulher pudesse dizer a sua palavra e buscar ativar dinâmicas de fortalecimento mútuo, de cuidado, de reconstrução das próprias percepções, conhecimentos e perspectivas e de geração de interpretações e sentidos partilhados acerca da condição feminina, dos enfrentamentos às violências e da luta por direitos. A intenção era, inclusive, constituir os intermódulos enquanto ponto de partida para uma forma associativa que tivesse continuidade, em cada território, buscando gerar uma instância de solidariedade e atuação política das mulheres.

A cada módulo, era estimulada, também, uma partilha sobre o que havia acontecido nos intermódulos anteriores, fomentando que as participantes pudessem registrar, apresentar as discussões coletivas ocorridas e interpretar as experiências formativas vivenciadas.

Foram realizados quatro módulos, tendo, cada um, a carga horária de 8 horas, totalizando 32 horas presenciais – a carga horária completa de 50 horas foi certificada pela UNILAB. Os intermódulos tiveram duração de 4 horas, totalizando 16 horas-aula. Todos os intermódulos tiveram acompanhamento e mediação de discentes da UNILAB, as quais auxiliaram as cursistas na realização das rodas de conversas. Os módulos e intermódulos ocorreram sequencialmente, no período entre julho e

novembro.

O primeiro módulo trabalhou a desigualdade entre homens e mulheres enquanto construção social; o segundo abordou as relações sociais de sexo/gênero na sociedade; o terceiro comentou a situação das mulheres nos espaços em que atuam, incluso o empoderamento e sua participação nos espaços de poder; o quarto módulo refletiu sobre as políticas públicas para as mulheres e o enfrentamento à violência doméstica. Ao final, como culminância, foi realizado um seminário municipal de apresentação das experiências vivenciadas nos intermódulos, um ato público na cidade e a certificação das cursistas pela UNILAB.

A cada módulo ministrado, era visível a transformação na vida das participantes observada através de relatos de experiência e da certeza de que suas vidas jamais seriam as mesmas depois daquele curso. Além das cursistas, outras mulheres das comunidades, mobilizadas pela equipe, tiveram a oportunidade de refletir sobre temas que as atingem diretamente, dotando de densidade as reflexões geradas e ampliando as possibilidades de mobilização social e reconstituição identitária.

Edilene Santiago, diretora do SINSEMBA e cursista, referindo-se aos intermódulos, em entrevista cedida à imprensa livre no ano de 2017, afirma: “*Eu tive oportunidade de ajudar a outras mulheres a se libertarem dessa prisão em que elas viviam, de poder levar para essas comunidades um conhecimento*”.

A referida culminância do curso ocorreu no dia 25 de novembro com a apresentação das experiências vivenciadas nos intermódulos. Foi um momento muito emocionante e de muito aprendizado. Tratava-se de ver na prática como a interação entre o meio acadêmico e a comunidade externa pode fortalecer as mulheres e dar novas expectativas de vida para moradoras de um território. Foram diversos depoimentos expressando, principalmente, como o curso havia fortalecido aquele núcleo:

Eu nunca me senti assim tão realizada como me senti nesse curso. Me senti, assim, no paraíso porque eu não saía de casa, era presa. Meu marido não deixava eu sair, era assim como se fosse uma escrava, o burro de carga da casa: era pra cortar lenha, era pra fazer comida, era pra cuidar de menino, cuidar de animal, de gado, de tudo... Ainda por cima, nunca me sentia realizada como mulher na cama, porque ele só servia para as outras, só vivia para as outras. Hoje, eu me sinto realizada. Depois que eu comecei a participar desse curso, eu mudei minha vida. (Ângela Maria, servidora da Saúde de Barreira, 2017)

Ao tempo em que as mulheres se apropriavam de conceitos sobre tipos de violência, elas identificavam, em suas vivências, momentos de violências sofridos e não percebidos por elas mesmas. É o caso da violência patrimonial, que, segundo a Lei Maria da Penha de n. 11.340 de 7 de agosto de 2006 (BRASIL, 2006, s./p.), pode ser entendida como:

qualquer conduta que configure retenção, subtração, destruição parcial ou total de seus objetos, instrumentos de trabalho, documentos pessoais, bens, valores e direitos ou recursos econômicos, incluindo os destinados a satisfazer suas necessidades.

Após a explicação de uma das formadoras sobre esse tipo de violência, surgiram depoimentos de mulheres que diziam conhecer amigas que sofriam com esse tipo de violência: elas trabalhavam o dia inteiro e, quando recebiam seu salário, fruto do seu trabalho já tão desvalorizado pela sociedade, ainda tinham que entregá-

lo ao companheiro que se apropriava desse bem e dispunha dele da forma que queria, ficando a mulher submetida a pedir ao companheiro algumas migalhas do que já era dela por direito, quando precisasse comprar algo. Aparecida Castro, presidenta do SINSEMBA, demonstra seu contentamento falando do que foi o curso implementado naquela realidade:

Esse curso de mulheres é fruto de uma grande luta nacional e realizá-lo em Barreira só reforça o nosso maior compromisso, que é a formação. Foram 40 mulheres formadas, que saem mais preparadas para se defender do machismo que encontram, principalmente, dentro de casa. O que mais me impressionou nos depoimentos delas foi que o agressor é sempre o mesmo, muda de nome, mas é sempre o companheiro. A violência precisa ser combatida todos os dias; e nós, mulheres, enquanto todas não formos livres nesse mundo, temos que fazer o debate das mulheres.

O CURSO, O SINDICATO E AS IDENTIDADES SOCIAIS

De acordo com Daniel Cefai (2009), no texto *Como nos mobilizamos? a contribuição de uma abordagem pragmatista para a sociologia da ação coletiva*, podemos considerar os movimentos sociais como agrupamentos de pessoas que lidam e buscam, em algum grau, compreender e controlar situações problemáticas concretas, que afetam os agentes envolvidos, buscando soluções que, ao mesmo tempo, carregam grandes transformações internamente/externamente ao grupo envolvido. Evidenciam uma troca de aprendizagem e experiências no ambiente onde se inserem e fazem suas interações, mantendo uma organização coletiva e exercitando a contínua reconstrução de uma identidade coletiva e de uma forma social capaz de promover a mobilização social, a agregação de forças e a efetivação de determinados objetivos, pautando demandas e agendas políticas e buscando mudanças sociais. Conforme o autor:

A ação coletiva se organiza, então, organizando seus ambientes. E produz, simultaneamente, critérios de experiência que vão permitir a seus atores que se orientem, compreendam o que fazem e o que as circunstâncias fazem deles. Desse modo, controlam tanto mal quanto bem as situações com que têm de lidar, mediando processos de investigação, de experimentação e deliberação; e pilotam as operações de coordenação com seus parceiros e seus adversários, em um espectro que vai do uso da força à persuasão. (CEFAI, 2018, p. 28)

Nessa perspectiva, o SINSEMBA vai, aos poucos, problematizando e desnaturalizando, quebrando as normalizações e as visibilizações que hegemonicamente envolvem violências, desigualdades e violações de direitos associadas às mulheres e às questões de gênero. Assim, emerge uma nova problemática. Cefai (2009, p. 27) afirma que:

Ela deve, então, produzir os termos de sua inteligibilidade e de sua legitimidade para os auditórios aos quais se endereça, para os membros que a compõem e para os adversários contra os quais luta. A constituição de um desafio de mobilização, de protesto e de conflito acompanha a articulação de uma arena pública, para onde apontam os atores coletivos e onde emergem novos universos de sentido-senso comum, mesmo se controverso.

Outrossim, o SINSEMBA se revela agente político e tecnicamente relevante à construção pública dessa questão, o que requer uma dinâmica educacional intensa,

complexa e densa, relacionando teoria e prática e se revelando capaz de gerar conhecimentos significativos e impactar identidades individuais, coletivas e institucionais envolvidas.

O sindicato fomenta a reconstituição das identidades individuais, coletivas e institucionais. O curso, por sua vez, se revela uma experiência que promove essa reconstituição identitária, potencializando uma dinâmica de reflexão coletiva e crítica que ressignifica as próprias experiências vivenciadas, permitindo a geração e a difusão de outras interpretações acerca das situações vividas pelas mulheres, tornando-as circunstâncias problemáticas, fomentando novas formas de significar e lidar teórica e praticamente com violências, violações de direitos, desigualdades de gênero e sexualidade.

O SINSEMBA, assim, se evidencia enquanto agente político capaz de ativar uma reinterpretção de mundo, com as explicações instigando/possibilitando às agentes envolvidas perceberem que existem novos/outros horizontes possíveis e que podem existir outros futuros a ser partilhados. Utilizando a educação popular como formadora no movimento sindical, fomenta-se uma tomada de consciência da realidade vivida, problematizando/transcendendo as percepções/concepções que, aos poucos, haviam se naturalizado na vida de cada uma. Daí a importância da pesquisa com requisito para a educação popular, com tudo que nela está envolvido, como o caráter vivencial, questões culturais permitindo os agentes envolvidos a enfrentar os desafios do cotidiano, ajudando na recriação contínua de vínculos interindividuais e compromissos mútuos, reconstituindo os próprios horizontes de sentido, expectativas e motivações partilhadas, permitindo a cada indivíduo ressignificar as próprias experiências.

CONCLUSÃO

O curso de mulheres do SINSEMBA foi utilizado como ferramenta em educação popular para formação de agentes envolvidas no movimento social e para a produção de novos conhecimentos, desenvolvendo em cada uma o senso crítico de suas vivências, possibilitando uma tomada de consciências das realidades por eles vividos, bem como ajudando nas decisões futuras e no rumo que cada indivíduo poderá seguir.

Vale ressaltar que foi perceptível a transformação existente na vida dos participantes com os relatos feitos a cada módulo; e, depois de todo conhecimento ofertado tanto pela UNILAB, quanto pelos participantes, como resultado tem-se contribuições intelectuais e pessoais para as cursistas.

Também cabe destacar a importância do curso para a equipe formadora, impactando diretamente os processos educacionais de sete estudantes dos cursos de Bacharelado em Humanidades, História, Sociologia e Pedagogia. Além das cursistas e dos agentes formadores, o curso atingiu um público de aproximadamente 250 mulheres, com as rodas de conversas promovidas nas localidades de Barreira, levando conhecimentos acadêmicos e processos formativos inovadores para locais de difícil acesso, como a Zona Rural de Barreira. A culminância do curso deu-se em espaço público, com ato político na feira livre do município e passeata pelas principais ruas da cidade, puxada pelas mulheres participantes do curso. A passeata findou na sede do sindicato de Barreira, onde foi realizado o encerramento, com a entrega de certificados às cursistas e equipe organizadora.

Figura 3. Curso de Formação Política de Mulheres no SINSEMBA/CE



Fonte: Acervo do Grupo Diálogos (2020).

Em seguida, houve um momento cultural com danças africanas e um almoço com comida típica que teve como prato principal a *cathupa* (prato da culinária de Guiné Bissau). Estavam presentes os(as) organizadores(as) do curso, cursistas, prefeito, vice-prefeito, imprensa livre e convidados. Vale ressaltar que, nas últimas rodas de conversa, foram aplicados questionários semiestruturados como forma de sistematizar alguns dados acerca da violência sofrida por essas mulheres. Os dados foram coletados, organizados e sistematizados, faltando apenas a tabulação e a análise para uma posterior produção textual a respeito do tema.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos ao Projeto Diálogos Urbanos, na pessoa do professor doutor Eduardo Gomes Machado, que se empenhou na orientação dos discentes acerca de nos apresentar a atividade extensiva como forma de ampliar nossos conhecimentos, garantindo-nos um intercâmbio entre a comunidade acadêmica e a sabedoria popular. Agradecemos, também, às novas parcerias firmadas nesta edição do Projeto Diálogos Urbanos e a PROEX – UNILAB pela oportunidade de participação no projeto de extensão e pelo crescimento acadêmico obtido através dele. Também agradecemos à banca examinadora, composta por Anne Sophie Marie Frederique Gosselin da Silva e Carmem Sílvia Ferreira Santiago. Por fim, também agradecemos o apoio de familiares e amigos.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Lei n. 11.340, de 7 de agosto de 2006.** Brasília: Presidência da República, 2006. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/l11340.htm. Acesso em: 20 abr. 2021.

CASTRO, M. D. S.; MACHADO, E. G. **Centros Urbanos de Redenção e Acarape/CE.** 2021. Disponível em: <https://www.arcgis.com/apps/View/index.html?appid=c9a108659be54c999e67ac3fee7dfbb1>. Acesso em: 20 abr. 2021.

CEFAÏ, D. Como nos mobilizamos? A contribuição de uma abordagem pragmatista para a sociologia da ação coletiva. **Dilemas**, v. 4, n. 2, p. 11-48, 2018.

FERRÃO, J. Inovar para desenvolver: o conceito de gestão de trajetórias territoriais de inovação. **Interações**: Revista Internacional de Desenvolvimento Local, v. 3, n. 4, p. 17-26, mar. 2002.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 50. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Cidades**: Barreira. 2020. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ce/barreira/panorama>. Acesso em: 20 abr. 2021.

INSTITUTO DE PESQUISA E ESTRATÉGIA ECONÔMICA DO CEARÁ (IPECE). **Perfil Municipal 2017**. 2017. Disponível em: <https://www.ipece.ce.gov.br/perfil-municipal-2017/>. Acesso em: 20 abr. 2021.